

COLLEEN HOUCK

A MALDIÇÃO
DO TIGRE

Tradução de Maria de Almeida

PRÓLOGO

a maldição

O prisioneiro encontrava-se de pé, com as mãos atadas diante do corpo, cansado, derrotado e imundo, mas com as costas orgulhosamente direitas, dignas da sua herança indiana. O seu captor, Lokesh, fitava-o, com arrogância, do alto do seu trono dourado e sumptuosamente entalhado. Pilares altos e brancos posicionavam-se como sentinelas em torno da sala. Nem um só sussurro da brisa da selva se fazia sentir nos tecidos finos. Tudo o que o prisioneiro conseguia ouvir era o tinido constante dos anéis faustosos de Lokesh a embater contra os braços da cadeira dourada. Lokesh olhou para baixo, os olhos semicerrados num misto de triunfo e desprezo.

O prisioneiro era o príncipe de um reino indiano chamado Mujulaain. O seu título oficial era *Príncipe e Alto Protetor do Império Mujulaain*, mas continuava a preferir ver-se apenas como o filho do seu pai.

O facto de Lokesh, o rajá de um pequeno reino vizinho chamado Bhreenam, ter conseguido raptar o príncipe não era tão chocante como a presença das pessoas que se sentavam a seu lado: Yesubai, a filha do rajá e noiva do prisioneiro, e o irmão mais novo do príncipe, Kishan. O cativo estudou os três, mas apenas Lokesh lhe devolveu o olhar determinado. Sob a camisa, o príncipe sentia o seu frio amuleto de pedra, enquanto uma fúria lhe percorria todo o corpo.

O prisioneiro falou primeiro, esforçando-se por não deixar transparecer na voz o quão atraído se sentia:

– Porque é que tu, meu futuro pai, me trataste com tamanha... *inospitalidade*?

Indiferente, Lokesh afixou um sorriso deliberado no rosto.

– Meu caro príncipe, tens algo que eu desejo.

– *Nada* do que pudesses querer justificaria isto. Não vão os nossos reinos unir-se? Tudo o que possuo está à tua disposição. Só tens de pedir. Porque fizeste isto?

Lokesh, com os olhos a brilhar, esfregou o queixo.

– Os planos alteram-se. Parece que o teu irmão gostaria de tomar a minha filha como *sua* noiva. Ele prometeu-me certas retribuições se o ajudar a alcançar esse objetivo.

O príncipe voltou a atenção para Yesubai, que, com as faces ruborizadas, assumiu uma postura recatada e submissa, baixando a cabeça. O seu casamento combinado com Yesubai iria, supostamente, trazer uma era de paz entre os dois reinos. Passara os últimos quatro meses fora, a supervisionar as operações militares no extremo do império, e encarregara o irmão de vigiar o reino.

Parece-me que o Kishan esteve a vigiar outras coisas além do reino.

Destemidamente, o prisioneiro deu um passo em frente, fitou Lokesh nos olhos e gritou:

– Enganaste-nos a todos. És como uma cobra-capelo escondida dentro do seu cesto, à espera do momento certo para atacar.

Com um olhar, incluiu o irmão e a noiva.

– Não estão a ver? As vossas ações libertaram a víbora e fomos mordidos. O seu veneno corre agora no nosso sangue, destruindo tudo.

Lokesh riu com desdém e disse:

– Se concordares em entregar a tua parte do Amuleto de Damon, posso deixar-me convencer a poupar-te a vida.

– A vida? Pensava que estávamos a negociar a minha noiva.

– Receio que os teus direitos tenham sido usurpados. Talvez não tenha sido suficientemente claro: o teu irmão ficará com a Yesubai.

O prisioneiro cerrou os dentes e disse simplesmente:

– Os exércitos do meu pai destruir-te-iam se me matasses.

Lokesh riu.



– Ele não destruiria, de certo, a nova família do Kishan. Iremos simplesmente aplacar o teu querido pai e dizer-lhe que foste vítima de um infeliz acidente.

Cofiou a barba impecavelmente aparada, antes de clarificar:

– Terás de compreender que, mesmo que te poupe a vida, irei governar *ambos* os reinos. – Lokesh sorriu. – Se me desafiares, retirar-te-ei a tua parte do amuleto à força.

Kishan inclinou-se para Lokesh e protestou:

– Pensava que tínhamos um acordo. Só te trouxe o meu irmão porque juraste que *não* o irias matar! Ias tirar-lhe o amuleto. Só isso.

A mão de Lokesh disparou tão rápida quanto uma cobra e agarrou no pulso de Kishan.

– Por esta altura, já devias saber que eu *tiro* tudo o que quero. Se preferires ir fazer companhia ao teu irmão, terei todo o prazer em conceder-te esse desejo.

Kishan remexeu-se na cadeira, mas manteve-se em silêncio.

Lokesh continuou:

– Não? Muito bem, acabei de retificar o nosso acordo anterior. O teu irmão *será* morto se não satisfizer os meus desejos e tu nunca casarás com a minha filha a não ser que me entregues também a tua parte do amuleto. Este nosso acordo pode facilmente ser revogado e posso casar a Yesubai com outro homem... um homem escolhido por *mim*. Talvez um velho sultão lhe arrefeça o sangue. Se quiseres manter-te junto da Yesubai, aprenderás a ser submisso.

Lokesh apertou o pulso de Kishan até este estalar bem alto. Kishan não teve qualquer reação.

Fletindo os dedos e rodando lentamente o pulso, Kishan encostou-se ao espaldar da cadeira, ergueu uma mão para tocar no amuleto trabalhado que trazia oculto sob a sua própria camisa e olhou para o irmão. Uma mensagem tácita passou entre eles.

Os irmãos lidariam um com o outro mais tarde, mas as ações de Lokesh significavam guerra e as necessidades do reino eram uma prioridade para ambos.

A raiva apoderou-se de Lokesh, espelhando-se nos seus olhos negros e viperinos. Aqueles mesmos olhos dissecaram o rosto do prisioneiro, sondando-o, avaliando as suas fraquezas. Irado, Lokesh pôs-se de pé num salto.

– Assim seja!

Retirou da túnica uma faca brilhante com o punho cravejado de joias e arregaçou violentamente a manga da casaca abotoada até ao pescoço que o prisioneiro envergava, outrora branca, mas agora imunda. As cordas retorceram-se nos seus pulsos e o prisioneiro gemeu de dor quando Lokesh lhe fez um corte ao longo do braço. O golpe foi suficientemente profundo para que o sangue aflorasse e pingasse os mosaicos que cobriam o chão.

Lokesh arrancou um talismã de madeira que trazia ao pescoço e colocou-o debaixo do braço do prisioneiro. O sangue correu da faca para o talismã e o símbolo aí gravado refulgiu em tons de vermelho fogo, antes de libertar uma luz branca não natural.

A luz disparou na direção do príncipe e percorreu-lhe o corpo, trespassando-lhe o peito como garras. Embora fosse forte, o príncipe não estava preparado para a dor. Gritou, então, quando o seu corpo foi subitamente inflamado por um calor ardente, e tombou no chão.

Estendeu as mãos para se apoiar, mas só conseguiu raspar debilmente no mosaico branco e frio do pavimento. Impotente, viu Yesubai e o irmão a atacarem Lokesh, que os empurrou para trás com rancor. Yesubai caiu ao chão, embatendo violentamente com a cabeça no estrado. O príncipe apercebeu-se de que o irmão estava perto e fora dominado pela angústia de ver a vida a esvaír-se do corpo inerte de Yesubai. Depois, deixou de ter noção fosse do que fosse, a não ser da dor.

1

Kelsey

Estava à beira do precipício. Tecnicamente, encontrava-me apenas na fila de uma agência de trabalho temporário no Oregon, mas parecia-me um precipício. A infância, a escola secundária e a ilusão de que a vida era boa e os tempos eram fáceis tinham ficado para trás. À minha frente, agigantava-se o futuro: a faculdade, uma série de empregos de verão para pagar as propinas e a probabilidade de uma vida adulta solitária.

A fila avançou alguns centímetros. Tinha a sensação de me encontrar à espera há horas para conseguir um emprego de verão. Quando finalmente chegou a minha vez, aproximei-me da secretária de uma funcionária cansada e entediada, que estava ao telefone. A mulher fez-me um gesto para avançar e mandou-me sentar. Quando desligou o telefone, entreguei-lhe alguns formulários e ela começou mecanicamente a entrevista.

– Nome, por favor.

– Kelsey. Kelsey Hayes.

– Idade?

– Dezassete, quase dezoito. Estou quase a fazer anos.

Carimbou os formulários.

– Terminou o ensino secundário?

– Sim. Terminei há apenas duas semanas. Tenciono inscrever-me em Chemeketa no outono.

– Filiação?

– Madison e Joshua Hayes, mas os meus tutores legais são Sarah e Michael Neilson.

– Tutores?

Cá vamos nós, pensei. De alguma forma, explicar a minha vida nunca era fácil.

– Sim. Os meus pais já morreram... faleceram num acidente de viação quando eu andava no nono ano.

A mulher curvou-se sobre a papelada e escreveu algo durante muito tempo. Fiz uma careta, interrogando-me sobre o que poderia ela estar a escrever para demorar tanto.

– Miss Hayes, gosta de animais?

– Claro. Hum, sei dar-lhes comida... – *Haverá alguém menos convincente do que eu? Bela maneira de fazer com que não seja contratada.* Aclarei a garganta. – Quero dizer, claro. Adoro animais.

A mulher não parecia interessada na minha resposta e entregou-me um anúncio de emprego.

**PRECISA-SE:
TRABALHADOR TEMPORÁRIO PARA APENAS DUAS SEMANAS**

**AS TAREFAS INCLUEM: VENDA DE BILHETES,
ALIMENTAÇÃO DOS ANIMAIS
E LIMPEZA APÓS OS ESPETÁCULOS**

Nota: Dado que os tigres e os cães
precisam de cuidados 24 horas, 7 dias por semana,
garantimos alojamento e alimentação.

O emprego era no Circo Maurizio, um pequeno circo familiar que atuava no recinto da feira popular. Lembro-me de ter recebido um vale para esse circo na mercearia e de até ter pensado em oferecer-me para levar os filhos dos meus pais adotivos, Rebecca, que tinha seis anos, e Samuel, que tinha quatro, para que Sarah e Mike pudessem ter algum tempo para eles. Mas depois perdi o vale e nunca mais me lembrei do assunto.



– Então, está interessada no trabalho ou não? – perguntou a mulher, impaciente.

– Um tigre, há? Parece emocionante! Também lá há elefantes? Porque tratar de um tigre ainda vá que não vá, mas apanhar excrementos de elefante parece-me um pouco «excessivo». – Ri baixinho da minha própria piada, mas a mulher nem sequer esboçou um sorriso. Uma vez que não tinha quaisquer outras opções, disse-lhe que aceitaria. Deu-me um cartão com uma morada e disse-me para me apresentar aí no dia seguinte às seis da manhã.

Franzi o sobrolho.

– Precisam de mim às seis da manhã?

A funcionária limitou-se a lançar-me um olhar aborrecido e a gritar «Próximo!» para a fila que se arrastava atrás de mim.

Onde é que me fui meter?, pensei, enquanto entrava no híbrido que Sarah me emprestara e me dirigia para casa. Suspirei. Podia ser pior. Podia estar a fazer hambúrgueres amanhã. Os circos são divertidos. Só espero que não haja elefantes.

A vida com Sarah e Mike era, no geral, boa. Davam-me muito mais liberdade do que a maioria dos pais e penso que tínhamos um respeito saudável uns pelos outros – bem, seja como for, tanto quanto os adultos conseguem respeitar uma adolescente com dezassete anos. Ajudava a tomar conta dos filhos deles e nunca me metia em apuros. Não era o mesmo que estar com os meus pais, mas, ainda assim, éramos uma espécie de família.

Com cuidado, estacionei o carro na garagem e dirigi-me a casa, onde encontrei Sarah a atacar uma tigela grande com uma colher de pau. Atirei a mala para cima de uma cadeira e servi-me de um copo de água.

– A fazer biscoitos *vegan* outra vez, estou a ver. Qual é a ocasião especial? – perguntei.

Sarah espetou a colher de pau na massa densa várias vezes como se a colher fosse um picador de gelo.

– É a vez de o Sammy levar doces para o encontro com os amigos.

Reprimi uma gargalhada, tossindo.

Perspicaç, Sarah semicerrou os olhos na minha direção.

– Kelsey Hayes, lá porque a tua mãe fazia os melhores biscoitos do mundo, isso não significa que eu não seja capaz de fazer uns biscoitos razoáveis.

– Não é da tua capacidade que eu duvido, é dos teus ingredientes – disse eu, pegando num frasco. – Substituto de manteiga de amendoim, linhaça, proteínas em pó e agave. Fico espantada por não podes papel reciclado nessas coisas. Onde está o chocolate?

– Às vezes, uso alfarroba.

– *Alfarroba* não é chocolate. Sabe a giz castanho. Se vais fazer biscoitos, devias fazer...

– Eu sei. Eu sei. Biscoitos de abóbora com pepitas de chocolate ou bolachas de chocolate com pepitas de chocolate. Esses fazem muito mal, Kelsey – disse ela, com um suspiro.

– Mas sabem *tão* bem.

Vi Sarah a lambar um dedo e continuei:

– Já agora, arranjei um emprego. Vou fazer limpezas e alimentar os animais num circo. Fica no recinto da feira popular.

– Que bom! Parece que vai ser uma ótima experiência – comentou Sarah, mais animada. – Que tipo de animais?

– Bem, sobretudo cães. E julgo que há um tigre. Mas provavelmente não terei de fazer nada perigoso. Tenho a certeza de que têm lá profissionais para tratarem deles. Mas tenho de começar muito cedo e vou lá ficar a dormir nas próximas duas semanas.

– Hum. – Sarah, pensativa, fez uma pausa. – Se precisares de nós, só tens de ligar. Importas-te de tirar do forno o guisado de couves-de-bruxelas *à la* «papel reciclado»?

Coloquei o guisado malcheiroso no centro da mesa, enquanto ela punha os tabuleiros com os biscoitos no forno e chamava os filhos para jantar. Mike chegou, pousou a pasta e beijou a mulher no rosto.

– Que cheiro... é este? – perguntou ele, desconfiado.

– Guisado de couves-de-bruxelas – respondi.

– E fiz biscoitos para o grupo de amiguinhos do Sammy – anunciou Sarah, com orgulho. – Vou guardar o melhor para ti.

Mike lançou-me um olhar, Sarah percebeu e repreendeu-o, batendo-lhe com o pano da louça na perna.

– Se é essa a atitude que tu e a Kelsey trazem para a mesa, então ficam os dois com a tarefa de arrumar tudo hoje.

– Ah, querida. Não fiques aborrecida. – Ele beijou Sarah novamente e rodeou-a com os braços, esforçando-se por se livrar da tarefa.



Percebi que aquela era a minha deixa para sair. Enquanto me esgueirava para fora da cozinha, ouvi Sarah a soltar risadinhas.

Um dia, gostava que um homem me convencesse a safar-se das tarefas domésticas da mesma forma, pensei e sorri.

Pelo que percebi, Mike negociou bem, porque ficou encarregado de deitar as crianças, em vez de arrumar a cozinha, ao passo que eu fiquei sozinha a lavar a louça. Na verdade, não me importava, mas assim que acabei decidi que também estava na altura de ir para a cama. As seis da manhã iam chegar terrivelmente cedo.

Silenciosamente, subi as escadas que levavam ao meu quarto. Era pequeno e aconchegante, com uma cama simples, uma cómoda com um espelho, uma secretária para o meu computador e para os trabalhos de casa, um armário, as minhas roupas, os meus livros, um cesto cheio de fitas para o cabelo de várias cores e a manta de retalhos da minha avó.

A minha avó fizera aquela manta quando eu era pequena. Era muito nova, mas lembro-me de a ver a cosê-la, sempre com o mesmo dedal de metal enfiado no dedo. Passei um dedo sobre uma borboleta da manta gasta e coçada nos cantos, lembrando-me de como retirara às escondidas o dedal da sua caixa de costura uma noite só para senti-la perto de mim. Embora fosse adolescente, continuava a dormir com aquela manta todas as noites.

Vesti o pijama, desfiz a trança e penteei o cabelo. Subitamente, veio-me à memória a forma como a minha mãe costumava fazer isso enquanto conversávamos.

Aninhando-me debaixo das cobertas quentes, pus o despertador para as quatro e meia da manhã e interroguei-me sobre o que poderia um tigre estar a fazer tão cedo e como é que iria sobreviver ao circo de três arenas que já era a minha vida. O meu estômago roncou.

Olhei de relance para a mesa de cabeceira e para as duas fotografias que lá tinha. Uma era de nós os três: a minha mãe, o meu pai e eu numa passagem de ano. Eu tinha acabado de fazer doze anos. Apesar de ter feito caracóis, na fotografia os meus longos cabelos castanhos estão praticamente lisos porque eu teimara em não usar laca. Estava a sorrir para a fotografia, apesar de ter um aparelho brilhante nos dentes. Agora, sentia-me grata pelos meus dentes direitos e brancos, mas, na altura, detestava aquele aparelho.

Agarrei na moldura e, com o polegar, tapei por instantes o meu rosto pálido. Sempre quisera ser esbelta, bronzeada, loura e com olhos azuis, mas tinha os olhos castanhos do meu pai e a tendência para ser rechonchuda da minha mãe.

A outra era uma fotografia simples dos meus pais no dia do casamento. Havia uma bonita fonte em pano de fundo e eles eram jovens, felizes e sorriam um para o outro. Desejava que isso me acontecesse um dia. Queria que alguém olhasse para mim daquela maneira.

Virando-me de barriga para baixo e ajeitando a almofada, adormeci a pensar nos biscoitos da minha mãe.

Nessa noite, sonhei que estava a ser perseguida na selva e que, ao voltar-me para ver quem me perseguia, fiquei sobressaltada por constatar que um grande tigre seguia no meu encalço. O meu eu do sonho riu-se e depois voltou-se para correr mais depressa. O som de patas suaves e almofadadas corria atrás de mim, ecoando ao ritmo do meu coração.